

Mosteiro exibirá tesouro de quatro séculos

Suza Machado

Pela primeira vez, nos 413 anos de sua história, o rico acervo de obras de arte e livro raros do Mosteiro de São Bento será aberto para a visitação pública, com a inauguração, neste domingo, do museu e do novo espaço da biblioteca, que integram a segunda etapa do plano de revitalização da instituição. A primeira fase das obras incluiu a restauração da Basílica de São Sebastião e a reforma e ampliação do Colégio São Bento, concluídas em dezembro último.

A programação de domingo será aberta às 9 horas, com uma missa pontifical de ação de graças, celebrada pelo abade dom Emanuel d'Able do Amaral, havendo depois um concerto com a participação da cantora Andréia Daltro. A solenidade de inauguração será realizada em seguida, com autoridades e convidados visitando as instalações do museu e da biblioteca.

O momento marca também uma nova reinserção do Mosteiro de São Bento na cidade como um espaço cultural. A nave da basílica vem abrigando concertos desde a conclusão de sua restauração, em dezembro passado. O museu poderá ser visitado já na próxima segunda-feira e a biblioteca, com mais de 300 mil títulos, com obras dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e do atual, receberá pesquisadores e estudantes a partir de janeiro.

Desejo antigo

Conta dom Emanuel d'Able que a revitalização do mosteiro é um desejo antigo dos abades, desde dom Plácido Staeb, que esteve à frente da abadia de 1930 a 1965, e dos que assumiram depois o posto, dom Timóteo Amoroso Anastácio e dom Paulo Rocha. As obras de recuperação agora realizadas resultaram de várias parcerias, entre as quais uma com o governo do estado, que destinou recursos da ordem de R\$1,7 milhão, e outra com a Construtora Norberto Odebrecht, que executou as obras.

Explica dom Emanuel que a decisão de criar o museu e abrir a biblioteca para estudiosos e pesquisadores tem por objetivo contribuir para tornar mais acessíveis à população os bens culturais de propriedade do mosteiro. "Que valor teria este rico acervo, se não pudesse ser visto pela comunidade? E será que é justo somente os monges terem acesso à biblioteca?", indaga o abade ao explicar a decisão, pioneira, de abrir as portas do mosteiro para a população.

Assegura, ainda, o abade, que o projeto cultural do Mosteiro de São Bento não se esgota com a abertura do museu e da biblioteca. "Temos um projeto de longo prazo. Nossa idéia é ter sempre eventos culturais, ampliando o leque de oportunidades culturais para a população, sobretudo das camadas que têm menor poder aquisitivo. O museu, por exemplo, terá um caráter interativo", afirma.



Os visitantes entrarão em contato com grandes obras de arte

Primeiro das Américas

O Mosteiro de São Bento da Bahia é o primeiro das Américas e, por sua importância, situa-se ao lado das grandes abadias beneditinas, como a de Monte Cassino, na Itália, erigida pelo próprio São Bento, no século VI, e a de São Paulo Fora dos Muros, em Roma. O Mosteiro de São Sebastião da Cidade de São Salvador começou a ser construído em 1582, logo após a chegada dos primeiros monges, junto a uma ermida já existente no local, fora dos muros da cidade, próximo a porta de Santa Luzia.

Por duas vezes sua existência é ameaçada. A primeira com a invasão holandesa, na primeira metade do século XVII. A segunda acontece no início deste século, com o decreto 159, de 24 de agosto de 1912, do governador José Joaquim Seabra, mandando demolir o mosteiro e seu lugar

ser ocupado por várias edificações, entre as quais um novo palácio para o governo. O então abade, Dom Majolo João Pedro de Caigny, lidera a resistência ao cumprimento do ato e impede que o mosteiro tenha o mesmo destino da antiga Sé.

Presença marcante na vida da cidade, o mosteiro de São Bento experimenta, agora, uma retomada da vida monástica. A comunidade possui, atualmente, 27 membros, dos quais 15 em formação, sendo três com votos temporários, nove noviços e três postulantes. O abade Dom Emanuel d'Able destaca que, após uma séria crise vocacional, a comunidade beneditina baiana se restaurou e, no início do próximo ano, com a chegada de outros dois postulantes à vida religiosa, o Mosteiro de São Bento terá a maior comunidade de noviços do Brasil.

Acervo de riqueza impressionante

O Museu do Mosteiro de São Bento conta com um acervo de mais de 1.300 peças, entre as quais imaginárias do século XVI ao XIX, mobiliário dos séculos XVII ao XIX, prataria, com destaque para objetos de culto religioso, como custódias, navetas e cálices; anéis e cruzes; peitorais, que pertenceram a antigos abades; e telas, muitas das quais de autoria de representativos pintores da Escola Bahiana de Pintura e também de artistas plásticos contemporâneos.

O acervo do museu, que ocupará os espaços existentes nas quatro galerias superiores da nave da basílica e o antigo coro dos monges, tem importantes peças da arte brasileira do período colonial, entre as quais o busto relicário de Santa Luzia, de autoria de frei Agostinho da Piedade, possivelmente datada de 1630.

A exposição inaugural está estruturada em cinco núcleos. No primeiro serão abordadas a história de São Bento e a presença dos beneditinos na Bahia, cujas peças de destaque são as imagens de São Bento, fundador da ordem, e de sua irmã, Santa Escolástica, em madeira policromada, do século XVIII, e um mapa da Bahia do século XVI.

O segundo núcleo terá como destaques imagens de frei Agostinho da Piedade, em barro cozido, entre os quais o São Pedro Arrependido, de cerca de 1640, e o busto relicário de Santa Bárbara, também em barro policromado e dourado. Numa comparação do ontem e do hoje, será mostrado neste núcleo uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, de autoria do artista contemporâneo Manuel Dantas.

O terceiro núcleo, que ocupará o antigo coro, exibirá mobiliário, telas e imagens dos séculos XVIII e XIX. Os destaques serão duas telas de José Joaquim da Rocha, da Escola Bahiana de Pintura, do século XVIII, em óleo sobre tela, representando um São José e a outra, Sant'Ana Mestra com Nossa Senhora menina. O quarto núcleo mostrará móveis e imagens do século XIX.

O último núcleo conterá objetos de prata e ouro, com destaque para o busto relicário de Santa Luzia, de frei Agostinho da Piedade, em prata, e uma tabaqueira em ouro, tendo ao centro a coroa imperial e o monograma de D. Pedro II, cravejados de brilhantes, oferecido pelo próprio imperador ao abade dom Manoel de São Caetano Pinto, por ter libertado os escravos pertencentes à comunidade beneditina brasileira, nascidos no dia 3 de maio de 1866, em homenagem à descoberta do Brasil. Ele mostrará também parâmetros antigos, usados para celebração de cerimônias religiosas.



Biblioteca de 300 mil títulos

A biblioteca do Mosteiro de São Bento é a segunda mais importante em livros raros, vindo logo após a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Seu acervo, de mais de 300 mil títulos, conta com obras do século XVI aos dias atuais. A seção de periódicos tem publicações desde o século XVIII e os títulos atuais englobam mais de 300 revistas, entre nacionais e estrangeiras.

A partir de janeiro será permitido o acesso às obras deste século. Segundo o administrador do Mosteiro, dom Gregório Paixão, a idéia é "scanear" as obras raras, dos séculos anteriores, de modo a permitir o acesso a pesquisadores e estudiosos. Para isto já estão buscando parcerias.

A biblioteca do Mosteiro baiano é maior e mais importante do que a do Mosteiro de Santo Anselmo, de Roma, também da ordem dos beneditinos. Ela é comparável, em importância, às das grandes abadias européias, sobretudo na parte referente a obras raras dos séculos XVI e XVII.

Sua obra mais antiga é um incunábulo, datado de 1504, que trata de comentários aos Evangelhos feitos por

Santo Alberto Magno, teólogo da Idade Média e mestre de São Tomás de Aquino. Possui também uma coleção do "Migne" — constituída por mais de 200 volumes e que trata da história de todos os padres e suas obras, dos primeiros séculos da Igreja Católica e só existente em poucos mosteiros do mundo.

O público terá acesso a uma exposição mostrando parte significativa das obras raras. Em oito vitrines serão expostos alguns incunábulo — livros impressos logo após a invenção da imprensa, no século XVI, edições de luxo dos séculos XVII ao XIX, o primeiro Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento, manuscritos sobre sua vida administrativa, como os Dietários, que trata das vidas e mortes dos monges, e missais com capas de prata e encadernações com aplicação de ouro.

A biblioteca já está sendo informatizada e, do seu acervo, 24 mil títulos já podem ser acessados através do computador. O acervo possui, ainda, obras sobre teologia, filosofia, direito, literatura, história, geral e do Brasil, dentre outras.